



## **O protagonismo feminino em um sistema de produção da comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá, Abaetetuba, Pará.**

*The female role in a production system in the Quilombola Community of Baixo Itacuruçá, Abaetetuba, Pará.*

CORDEIRO, Kelly Martins<sup>1</sup>; COSTA, William da Silva<sup>2</sup>; SENA, Vanessa Thais D<sup>3</sup>; CASTRO, Roberta Rowsy Amorim de<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará, martins.kellyprata@gmail.com; <sup>2</sup> Universidade Federal do Pará, williamcosta652@gmail.com; <sup>3</sup> Universidade Federal do Pará, vanessat719@gmail.com; <sup>4</sup> Universidade Federal do Pará, robertarowsy@ufpa.br.

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

**Resumo:** Este trabalho destaca o protagonismo das mulheres agricultoras familiares, observado durante a experiência do Estágio Supervisionado I do curso de Tecnologia em Agroecologia, da Universidade Federal do Pará, Campus Abaetetuba, realizado por discentes da turma 2020 na Comunidade Quilombola do Rio Baixo Itacuruçá. Durante o estágio foi possível acompanhar o cotidiano das mulheres no sistema de produção familiar, bem como a organização delas para garantirem o sustento de suas famílias. Os dados foram coletados a partir da observação participante, onde foi possível realizar um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), fazendo-se ainda a aplicação de um questionário e entrevista junto às mulheres. A experiência vivenciada possibilitou observar a importantíssima presença da figura feminina na agricultura familiar, protagonizando deste modo a própria vida e trabalho.

**Palavras chaves:** mulheres agricultoras; agroecologia; agricultura familiar.

#### **Introdução**

No decorrer da história, a esfera econômica se consolidou sobre estruturas androcêntricas que hierarquizaram praticamente todos os âmbitos perpassados pelas relações de gênero (MARTINS et al., 2020). Neste contexto, o trabalho da mulher sempre foi invisibilizado, especialmente no campo, no qual historicamente foi tratado como sem importância para a renda e o desenvolvimento rural. O trabalho das mulheres associava-se a “atividades de mulher”, onde se incluíam o trabalho doméstico, a cria de animais e a produção de alimentos nas hortas domésticas dedicadas ao consumo da família (CARABAJAL, 2022).

A partir disso, é de grande relevância tornar visível o trabalho das mulheres no meio rural, com a finalidade de evidenciar seu papel fundamental na construção agroecológica e de gênero em nossa sociedade, apesar das significativas mudanças relacionadas aos direitos das mulheres. Dessa maneira, este trabalho



tem como objetivo apresentar o protagonismo feminino em um sistema de produção da Comunidade Quilombola do Baixo Itacuruçá, Abaetetuba, Pará.

## Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida durante o Estágio Supervisionado I, da turma de Tecnologia em Agroecologia 2020, da Universidade Federal do Pará, Campus Abaetetuba. O Estágio Supervisionado I foi realizado na Comunidade Quilombola Baixo Itacuruçá, localizada na Região das Ilhas de Abaetetuba-PA (Figura 1), sendo esta uma das dez comunidades lideradas pela Associação de Remanescentes de Quilombolas das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA). A experiência ocorreu entre os dias 24 e 28 de novembro de 2022 e possibilitou a realização de um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) a partir de observação participante, aplicação de questionário e entrevista.



**Figura 1-** Mapa de localização do Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba, Pará.  
Fonte: Pesquisa de campo (2022).

A experiência teve como lócus a propriedade da senhora Santos (62 anos de idade, aposentada), que por questões de confidencialidade dos seus dados será tratada desta maneira neste resumo. Para além disso, durante a pesquisa foi possível elaborar um mapa de localização do Rio Baixo Itacuruçá (Figura 1), onde se fez necessário o uso do aplicativo o UTM GEO Map para realizar as marcações dos pontos georreferenciados e o *software* livre QGIS para realizar o processamento dos dados e elaboração do mapa de forma mais clara e coesa. Sobre a elaboração do mapa vale ressaltar que o desenho curricular do curso, entre outras disciplinas, possui a disciplina de Geoprocessamento, a qual serviu de embasamento teórico para que mapas sejam construídos pelos discentes.



## Resultados e Discussão

Os métodos desenvolvidos possibilitaram um olhar holístico e sistêmico do estabelecimento de produção familiar, com destaque para o protagonismo feminino, pois os componentes do núcleo familiar que residem na propriedade são todas mulheres, e estas conduzem a administração da propriedade, assim como a maior parte dos trabalhos na unidade de produção. Embora o trabalho feminino no meio rural seja subestimado e/ou 'reduzido' ao ambiente doméstico, como se esse ambiente não fosse um espaço produtivo ocupado também pelo masculino, a atuação do núcleo familiar descrito neste trabalho mostra que as mulheres são capazes de administrar a unidade de produção familiar sem depender da figura masculina para tal.

A propriedade, onde a senhora Santos trabalha e reside juntamente com sua mãe (94 anos de idade e aposentada) e uma irmã (61 anos de idade e aposentada) possui 15 hectares e é herança de seu pai. Importante salientar que, a mãe da senhora Santos por ser já bastante idosa e doente locomove-se somente em cadeira de rodas e sua irmã por ser doente também, não pode atuar nos serviços mais pesados, assim ela ajuda somente nos trabalhos de casa que são considerados mais leves. Deste modo, pode-se notar o quão grande e importante é o trabalho da senhora Santos na administração da propriedade e na geração de renda para a família.

A cobertura do solo atualmente se encontra dividida nas seguintes vegetações: mata, capoeira, culturas anuais e culturas perenes, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 - Cobertura vegetal atual do terreno da senhora Santos.

Tipo de cobertura vegetal	Área (hectare)	Porcentagem (%) em relação ao tamanho total da área
Mata	3,75	25
Capoeira	4,5	30
Cultura anuais	3	20
Cultura perenes	3,75	25
Total	15	100

Fonte: Pesquisa de campo (2022)

Os cultivos anuais são representados pelas roças de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.), maxixe (*Cucumis anguria* L.), entre outras. No período de vivência foi possível verificar a existência de cinco (5) roças de mandioca, onde uma destas é cultivada em um lote que não pertence a senhora Santos, ou seja, uma roça de meia, no qual “[...] como pagamento para cultivar a área, o agricultor dá metade da produção ao proprietário” (COSTA, 2019, p. 5). A senhora Santos trabalha nesta roça de meia pelo motivo de que o proprietário do lote não possui disponibilidade para cuidar e manejar sua própria área. Neste sentido, o proprietário da terra cede seu lote para a senhora Santos trabalhar, recebendo em troca o direito da metade



da produção arrecadada. Tudo isso é feito a partir de conversa e acertos por ambas as partes.

O preparo da área para o cultivo das roças de mandioca é realizado tradicionalmente pelo processo de corte e queima, que segundo as agricultoras tem a finalidade de aumentar a fertilidade do solo antes da plantação. No passado, com menor densidade demográfica, esse modelo funcionou bem e garantiu a reprodução social da agricultura familiar (CARON e SAROUBIN, 2003).

Atualmente a agricultura de corte e queima se encontra instável dependendo do tamanho da área para pousio. Devido ao aumento populacional no meio agrícola, cresceram também as queimadas, e diminuiu o tempo de descanso entre os cultivos. Isto acarreta no empobrecimento do solo e baixa produtividade. Neste sentido, se faz necessário adotar um novo estilo de agricultura, que seja mais sustentável e menos danosa.

Na busca e construção de novos conhecimentos, surge a Agroecologia, de modo que seus princípios passam a contribuir para o estabelecimento de um novo caminho para a construção de agriculturas de base ecológica e sustentáveis (CAPORAL; PAULUS; COSTABEBER, 2009). Além de produzir sem agrotóxicos a Agroecologia trabalha com o manejo ecológico dos agroecossistemas priorizando a manutenção contínua da fertilidade dos solos (REGO e KATO, 2017). A senhora Santos, deixou claro que já tem um leve conhecimento em relação aos malefícios que a prática de corte e queima trazem para o solo e meio ambiente, no entanto, pela ausência de informações, recursos e práticas de base agroecológica, ela continua praticando a agricultura tradicional que conhece e trabalha cotidianamente.

Neste processo de corte e queima, cabe destacar que em todas as fases 85% do trabalho é realizado pela senhora Santos juntamente com duas parceiras, sua cunhada e sobrinha. Ambas mulheres moram em residências independentes, porém, localizadas no mesmo lote que pertence a senhora Santos. Como dito anteriormente, o lote foi uma herança do pai da senhora Santos, quem doou uma área para seu irmão e sobrinha construir as suas casas. Atualmente, a senhora Santos trabalha com suas duas parceiras e dividem a produção, em especial a farinha que é feita a partir da mandioca cultivada na roça. Boa parte da produção é comercializado pelas três mulheres; outra parte fica para o consumo de suas famílias. Outra questão considerável a expor aqui, é a mão de obra que a senhora Santos contrata quando necessário para ajudar nos serviços. Com a ajuda do dinheiro da aposentadoria, ela remunera o trabalho de outras pessoas tornando-se evidente o quanto uma renda sustenta a outra.



O fato de que as mulheres são responsáveis neste caso pela maior parte do trabalho realizado no subsistema de cultivo, realizando trabalhos que vão desde a capina, passando pelo plantio até a colheita, produção e comercialização, ajuda a fortalecer a percepção das mulheres sobre a real força e valor destas para o desenvolvimento da agricultura familiar.

Ainda se tratando da propriedade, há também um quintal agroflorestal (terreiro), o qual é caracterizado pela presença de frutíferas perenes e duas espécies medicinais (Quadro 1), evidenciando que quando as frutíferas estão dando frutos, a senhora Santos faz a coleta deste para o consumo da família, e as medicinais ela usa para fazer remédios caseiros quando necessário.

Quadro 1 - Espécies vegetais encontradas no quintal agroflorestal.

Espécies vegetais	Nome científico	Nº de plantas	Uso/Finalidade
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	3	Alimentação
Jambo	<i>Syzygium melanccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	4	Alimentação
Ingá	<i>Inga edulis</i> Mart	3	Alimentação
Mamorana	<i>Pachira aquática</i> Aubl.	5	Chá para emagrecer
Verônica	<i>Dalbergia monetária</i> L.	2	Chá para dor de barriga e cicatrização
Caju	<i>Anacardium</i> L.	1	Alimentação

Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Em termos relacionados à criação de pequenos animais, a senhora Santos possui uma criação que é composta por aves da espécie *Gallus Gallus domesticus*, as quais têm como finalidade fornecer proteína animal para a alimentação da família e propiciar uma renda quando são comercializadas.

Com relação aos produtos extrativistas utilizados pela família, destacam-se o açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) e o miriti (*Mauritia flexuosa* L.), que são utilizados exclusivamente para alimentação familiar.

A partir do exposto, percebe-se que o terreno da senhora Santos é bastante diversificado, tendo como carro chefe a mandioca para a produção de farinha, como já citado, em termos quantitativos, pode-se dizer que a farinha é a produção que mais gera uma renda significativa, que aliada a aposentadoria da senhora Santos e outras pequenas comercializações da unidade de produção, atuam no bem-estar e subsistência da família. A atuação da mulher, no caso estudado, portanto, evidencia suas múltiplas facetas relacionadas ao trabalho que as mulheres, de maneira geral, podem exercer ou exercem no meio rural.



## Conclusões

Ao abordar a temática de gênero e trabalho nos contextos rurais, é preciso compreender a história e resistência das mulheres ao passar dos anos, para assim buscar uma visão reflexiva sobre o referido assunto. Nesse processo, as mulheres obtiveram muitas conquistas, porém ainda há muito a ser conquistadas, uma vez que, em muitos casos o trabalho exercido por elas ainda é estigmatizado e diminuído. Contudo, a senhora Santos, cuja atuação foi abordada neste resumo, ocupa um lugar de protagonismo e autonomia de suas próprias ações, já que exerce a administração e a condução da produção e comercialização dos produtos oriundos de sua propriedade, atuando diretamente para manutenção e subsistência de sua família.

A partir do caso estudado é possível concluir que as mulheres assumem papéis importantes no meio rural, e que esses trabalhos precisam ser visibilizados e valorizados, de maneira a frisar e fomentar na sociedade o conhecimento sobre a importância que elas carregam na produção de alimentos e na geração de renda para a manutenção de suas famílias. Neste sentido, a agroecologia enquanto ciência, movimento e prática assume papel fundamental para o reconhecimento e valorização da mulher enquanto protagonista nas atividades do campo.

## Referências bibliográficas

COSTA, Éberton da; SCHMITZ, Heribert. **A roça, o retiro e a “tapera”**: descrevendo os sistemas de produção familiares no município do Acará, Pará, Brasil. *Caribeña de Ciencias Sociales*, n. junho, 2019.

CARABAJAL, C. L. I. **Agroecomulher**: O protagonismo das mulheres agricultoras familiares de Itaqui-RS. 2022. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia) - Universidade Federal do Pampa, Itaqui, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/rii/7315>. Acesso em: 14 Jul. 2023.

CARON, P.; SABOURIN, E. **Camponeses do sertão**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.293p.

CAPORAL, F. R.; PAULUS, G.; COSTABEBER J. A. **Agroecologia**: uma ciência do campo da complexidade. Brasília. 2009, 111p.

MARTINS, L. A. et al. **O protagonismo feminino na agricultura familiar: um relato a partir da experiência de incubação do grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade**. *Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.*

REGO, A. K. C.; KATO, O. R. **Agricultura de corte e queima e alternativas agroecológicas na Amazônia**. *Novos Cadernos NAEA*. v. 20, n. 3, p. 203-224, set-dez 2017.